

polifonismo) do sistema proposto por Mário de Andrade concordam com o papel primordial do subconsciente e da reintegração do poeta no seu tempo. Suas considerações sobre os princípios técnicos têm correspondente sobretudo em Jean Epstein.

A evolução do pensamento do modernista brasileiro em face das proposições do periódico francês mostra, inicialmente, a discrepância entre a atitude intelectualista de Paulicéia desvairada e as novas idéias, que despertam seu entusiasmo e estimulam o aproveitamento no Prefácio interessantíssimo. Em seguida transparece a atitude de aproveitamento crítico — as anotações marginais denotam síntese, discussão de idéias, repercutindo n'A escrava que não é Isaura. A aplicação das teorias assimiladas está em Losango Cáqui, realizado em concomitância com A escrava que não é Isaura. No pósfacio desta obra, porém, Mário de Andrade prega a reabilitação da inteligência no processo poético, e, na advertência do Losango Cáqui vai além, ao negar mesmo a validade do princípio subconsciente. Clá do Jaboti, por sua vez, assinala o início de uma nova experiência literária. Essa reformulação dos conceitos mostra o dinamismo, o crescimento do poeta frente à produção literária.

O trabalho de Maria Helena Grembecki não só fornece esclarecimentos sobre a formulação da teoria estética de Mário de Andrade, como contribui para a compreensão do aproveitamento das idéias em voga na Europa e do "clima" europeu, já que, no modernismo brasileiro, o espírito universalista acompanhou o nacionalista. Maria Célia de Moraes Leonel.

IGLÉSIAS, Francisco — Três séculos de Minas, 8.º Festival de Inverno, Belo Horizonte (?), 1974.

#### EXPLICAÇÃO DE MINAS

"Bastardias. Desavenças.  
Emboscadas pela treva.  
Sesmarias, salteadores.  
Emaranhadas invejas.  
O clero. A nobreza. O povo.  
E as idéias".

#### CECÍLIA MEIRELES, Romanceiro da Inconfidência, XXI

"Sou Mineiro sou de fato  
Sou Mineiro mas sou requintado  
Eu não volto lá pra Minas  
Porque tenho meu corpo cansado"

XANGÔ DA MANGUEIRA, Quando vim de Minas (canção popular)  
Estranho continente este das Minas Gerais.

Assistiu — é verdade que nem sempre impassível — uma procissão de homens de todas as latitudes que para lá foram, ainda vão e por certo continuarão indo; para revolver as suas entradas, com as mãos, com o fio do metal ou sondas agressivas, tirando a seiva de ouro e urânia para levar a terras distantes.

Enquanto isso, muitos dos seus filhos, seduzidos por paisagens outras, deixam a terra, jornadeando por caminhos desencontrados, onde acabam com jeito especial se tornando amigos do rei e tendo a mulher que querem.

Mas, os que ficam. Ah, esses sim! Amam a terra com um quieto amor, sabem compreende-la e ouvi-la, por ela vivem e morrem.

Para cantá-la então, foi tramada uma conspirata ao longo dos séculos. Nenhuma talvez, nestes Brasis, ouviu os versos e a prosa que lhe foram tecidos. As estrofes de amor e de pecado que lhe foram derramadas, os cantochões rendados que brincam nos seus ares.

Uma vez dito isso, foi preciso que o Oitavo Festival de Inverno oferecesse o pretexto, para que se perpetrasse um poema gráfico sobre Minas. Poema pelas suas ilustrações, pelas suas epígrafes, pelo bom gosto de sua apresentação, mas e simplesmente pelo seu texto de História, feito com a unção de um mineiro: Francisco Iglesias.

Falo-vos destes *Três Séculos de Minas*<sup>(\*)</sup>, para cuja elaboração, por certo o autor foi ouvir os fantasmas de Ouro Preto, transmitindo-nos só então uma síntese bem feita, com profunda informação de sua história, com a sensibilidade teídrica, que soube dar-nos uma lição de mineiridade, produzindo o conhecimento mineiro.

Não se trata de uma simples crônica, pois as observações muitas vezes agudas pontilham o texto, revelando o calibre do historiador inquieto, que não sabe ficar indiferente às limitações que pesaram e ainda pesam sobre o seu estado, sempre pronto a rever os esquemas convencionais de interpretação, procurando marcar sua síntese bem feita com a reflexão ponderada, em exemplos que são inúmeros, como ao referir-se à chamada "Guerra dos emboabas", ou na análise das soluções econômicas depois da desagregação das minas, na visão desenvolvimentista dos conspiradores de 89 e em mil outros momentos.

Verifica-se que a crônica da economia mineira é compassada pela exploração da terra, pela evolução do aparelho administrativo e pela formação do mercado interno que se faz com rupturas e recuperações. Aquelas, quase sempre executadas em nome da maior operacionalidade fiscal, obsessão que persegue os delegados régios, que assim praticam as formas mais apuradas do contrato social, colocando tudo e todos sob o controle muitas vezes terrorista das autoridades.

É por esse custoso caminho que se chegou à mineiridade, i.e., o estado de ser mineiro.

A preocupação em sintonizar o que é regional com o nacional, leva-nos a um movimento pendular ao longo do texto, entre a história de Minas que se vê através da História do Brasil ou esta que se percepciona por entre aquela.

Memorialistas, viajantes, poetas e escultores, sermonários e historiadores tecem com o autor, este retrato de corpo inteiro das Gerais, no qual reonta um estilo enxuto e sóbrio, de frases curtas, mas com certa elegância, mostrando a atenção com que FI tratou a redação, num momento em que tantos historiadores escrevem mal ou se perdem no delírio dos neologismos de vida curta.

Os pontos discutíveis do seu trabalho, menos pela sua opinião, exposta sem hesitações, e mais pelo processo crítico a que vem sendo submetida a historiografia sobre Minas, não limitam o texto, antes o valorizam num trabalho que pretendendo ser informativo, acabou assim mesmo por superar esse nível.